

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo desse
trabalho será disponibilizado
somente a partir de 14/02/2026.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP

Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis

ROSINALDA CORRÊA DA SILVA SIMONI

**O CONCEITO DE ETNIA YORUBÁ NO CONTINENTE AFRICANO E NA
DIÁSPORA EM GOIÁS NO SÉCULO XIX (1802 A 1813):
questões conceituais e desdobramentos**

ASSIS

2025

ROSINALDA CORRÊA DA SILVA SIMONI

**O CONCEITO DE ETNIA YORUBÁ NO CONTINENTE AFRICANO E NA
DIÁSPORA EM GOIÁS NO SÉCULO XIX (1802 A 1813):
questões conceituais e desdobramentos**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista,
Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para
obtenção do título de Doutora em História.

Área de Concentração: História e Cultura.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Lúcia Helena Oliveira Silva.

ASSIS

2025

S599c Simoni, Rosinalda Correa da Silva
O conceito de etnia Yorubá no continente africano e na
diáspora em Goiás no século XIX (1802 a 1813) :
Questões conceituais e desdobramentos / Rosinalda Correa
da Silva Simoni. -- Assis, 2025
207 p. : tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Lúcia Helena Oliveira Silva

1. Etnia. 2. Etnia Yorubá. 3. Identidades. 4.
Representações. 5. Historiografia. I. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE ROSINALDA CORRÊA DA SILVA SIMONI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 14 dias do mês de fevereiro do ano de 2025, às 14h30min, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de ROSINALDA CORRÊA DA SILVA SIMONI, intitulada **O CONCEITO DE ETNIA YORUBÁ NO CONTINENTE AFRICANO E NA DIÁSPORA EM GOIÁS NO SÉCULO XIX (1802 A 1813): QUESTÕES CONCEITUAIS E DESDOBRAMENTOS**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. LUCIA HELENA OLIVEIRA SILVA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. ANA RAQUEL MARQUES DA CUNHA MARTINS PORTUGAL (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCHS - Franca, Prof. Dr. CASÉ ANGATU (NOME SOCIAL) / CARLOS JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS (NOME CIVIL) (Participação Virtual) do(a) Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Prof. Dr. MARCOS ABREU LEITÃO DE ALMEIDA (Participação Virtual) do(a) Universidade de São Paulo (USP), Profa. Dra. IRIS PEREIRA DE MORAES (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. LUCIA HELENA OLIVEIRA SILVA



Dedico esta pesquisa ao meu Orí, a Ifá e a todos os Orixás por me manterem firme nesta busca não apenas por um título, mas sobretudo por conhecimento e evolução. Modupé Orí mí, Modupé Orisá. Dedico a todas as minhas ancestrais que correram para que eu pudesse trotar. A meu Egbé Espiritual e carnal. À minha Orientadora e parceira de pesquisa Lucia Helena Oliveira Silva, obrigada por tudo. À UNESP/Assis por acolher minha pesquisa. À banca de defesa pela leitura amorosa e contribuição não apenas para tese, mas para a vida. À minha família, em especial, meu marido e parceiro de vida. Aos meus filhos, meus meios e a certeza de continuidade.

*O testemunho, seja escrito ou oral, no fim, não
é mais que testemunho humano, e vale o que
vale o homem.*

Hampâté Bâ

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral refletir sobre a construção e a representação do conceito de etnia Yorubá, no continente africano e na diáspora brasileira/goiana, e seus desdobramentos ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. Teve-se como premissa documentos dos séculos XIX, como cartas de liberdade, certidão de óbito, batismo, cujas análises foram feitas em diálogo com autores que abordam o tema/conceito de etnia, etnicidade e etnia Yorubá, na África e na diáspora brasileira e em Goiás. Esta investigação vincula-se à linha de pesquisa “Política: Ações e Representações”, sobretudo no que se refere aos estudos das ações e representações que envolvem a construção da memória histórica dos Yorubás. Nessa perspectiva, a linha de pesquisa adotada permitiu abordar uma concepção dinâmica da história e das representações como legitimadoras de uma identidade construída de acordo com as dinâmicas vivenciadas pelos grupos sociais e pelos pesquisadores. Assim, o texto em questão trouxe os resultados e as análises da pesquisa que se findaram no âmbito deste programa, e segue com outros desdobramentos apontados pelos documentos analisados e das leituras, logo, avançou enquanto pesquisa de vida e da necessidade de compreensão da historiografia que envolve o grupo Yorubá em diáspora.

Palavras-chave: Etnia; Etnia Yorubá; Identidades; Representações; Historiografia.

ABSTRACT

This research has the general objective of reflecting on the construction and representation of the concept of Yoruba ethnicity, on the african continent and in the brazilian/Goiás diaspora, and its developments throughout the 19th, 20th and 21st centuries. The proposals include documents from the 19th centuries, such as letters of freedom, death certificates, baptisms, whose analyzes are carried out in dialogue with authors who address the theme/concept of ethnicity, ethnicity, Yoruba ethnicity, in Africa and in the brazilian diaspora and in Goiás. This investigation is linked to the line of research “Politics: Actions and Representations”, especially with regard to studies of actions and representations that involve the construction of the historical memory of the Yoruba. From this perspective, a line of research adopted allows us to approach a dynamic conception of history and representations as legitimizing an identity constructed according to the dynamics experienced by social groups and researchers. Thus, the text in question brings the results and analyzes of the research that are within the scope of this program, and continues with other developments indicated by the analyzed documents and readings, therefore, it advances as a research into life and the need to understand the historiography that involves the Yoruba group in the diaspora.

Keywords: Ethnicity; Yoruba Ethnicity; Identities; Representations; Historiography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Documento 1: Livro de Registro de Batizados de Pirenópolis – Jaraguá: 1803-1807.	32
Figura 2 - Documento 2: Livro de Registro de Óbitos de Pirenópolis – Jaraguá: 1803-1810.	33
Figura 3 - Documento 3: Livro de Registro de Batizados de Pirenópolis – Jaraguá: 1803-1807.	33
Figura 4 - Documento 4: Livro de Registro de Óbitos de Pirenópolis – Jaraguá: 1803-1810.	34
Figura 5 - Documento 5: Livro de Registro de Óbitos de Pirenópolis – Jaraguá: 1803-1810.	35
Figura 6 - Trecho retirado da obra de Artiaga (1947, p. 228).	35
Figura 7 - Documento 7: Mapa que demonstra a linha de importação de Escravizados para Bahia.	36
Figura 8 - Documento 8: Imagem da obra de Vianna Filho.	37
Figura 9 - Documento 9: Quadro com os “locais de entrada” dos africanos traficados para o Brasil, presente na obra de Vianna Filho.	37
Figura 10 - Documento 10: Tabela extraída do The Trans-Atlantic Slave Database.	40
Figura 11 - Mapa étnico da África.	49
Figura 12 - Mapa histórico dos Estados da África Ocidental.	49
Figura 13 - Os principais Estados da África Ocidental nos séculos XII ao XVI.	51
Figura 14 - Regiões afetadas pelo comércio de escravos nos séculos XVI a XIX.	52
Figura 15 - Mapa contendo localização de Ilé Ifé e Oyo principais Estados Yorubás.	54
Figura 16 - Mapa com a localização espaços sagrados do grupo.	55
Figura 17 - As contas de Ilé Ifè.	58
Figura 18 - Busto, feito de terra cota, com a representação de Oduduwa, rei de Ilé Ifè.	59
Figura 19- Imagens de alguns fragmentos de faiança comum, ironstone e porcelana.	160
Figura 20- Fragmentos de faiança fina.	161
Figura 21- Moedas do período do Brasil Império.	162
Figura 22- Moedas do período do Brasil Império.	162
Figura 23- Anel de bronze.	163
Figura 24- Reconstrução Vasilhame Aberto Simples.	164
Figura 25- Reconstrução Vasilhame Simples fechado.	165
Figura 26- Reconstrução Vasilhame Independente fechado.	165
Figura 27- Cachimbos.	166
Figura 28- Contas de Colar e adornos.	167
Figura 29- Representação de colar de contas no traje de uma figura clássica de bronze Ife.	170

Figura 30- Distribuição de vidro HLHA (Yorùbá) na África Ocidental, ca. 1100–1420 AD.	171
Figura 31- (A) Cadinho revestido de vidro (interior), (B) casco de vidro e (C) contas.	172
Figura 32- Obá Biyí Mãe Aninha, fundadora do Ilê Opó Afonjá. 1910.....	175
Figura 33- Mãe Senhora, sucessora de Obá Biyi fundadora do Ilê Opô Afonjá.	175
Figura 34- Iya Pulchéria Maria da Conceição sacerdotisa do Ilê Opo Afonjá.	176
Figura 35- Mãe Stela Iyá Odé Kayodé Sacerdotiza do Ilé Opó Afonjá.	176
Figura 36- Mãe Menininha do Gantoá.	177
Figura 37- Fotos de Stefano Simoni; Olasení, título: parte de mim.	180

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Tabela Periodização dos Yorubás - Cultura e história.	119
Imagem 2- Tradução da tabela de periodização.	119
Imagem 3- Extrato do mapa, indicando o povoamento pioneiro em Goiás.	128
Imagem 4- Mapa estradas reais.	131
Imagem 5- Estatística "Ofício de Luiz da Cunha Menezes e Martinho de Melo e Castro (1986), remetendo o mapa da População da capitania de Goiás, com distinção de classes"	132
Imagem 6- “Planta da Cidade de Goyaz” (1867).	133
Imagem 7- “Planta da Cidade de Goyaz” (1867).	133
Imagem 8- Fragmento do Livro “História de Goiás: Síntese dos acontecimentos da política e da administração pública de Goiás, de 1592 até 1935”.....	138
Imagem 9- Esquema dos domínios.....	141
Imagem 10- Livro de Registro de Batizados Pirenópolis-Jaraguá (1803 a 1807).....	143
Imagem 11- Livro de Registro de Batizados Pirenópolis - Capitania dos Goiases 1803/1807.	144
Imagem 12- Livro de Registro de Batizados Pirenópolis Capitania dos Goiases 1803/1807.	145
Imagem 13- Documento de óbito.	146
Imagem 14- Documento de óbito.	146
Imagem 15- Lançamento da carta de Liberdade de Anna Roberta, filha de Maria Mina, preta escrava.	147
Imagem 16- Lançamento da carta de Liberdade de Anna Roberta, filha de Maria Mina, preta escrava.	148
Imagem 17- Lançamento da carta de Liberdade de Anna Roberta.	149
Imagem 18- Assento de óbito de Joaquim Mina, preto escravo.....	151
Imagem 19– Assento de óbito de Joaquim Pereira.....	152
Imagem 20– Assento de óbito de Manoel Mina, preto escravo.	152
Imagem 21- Assento de óbito de Antonio Escravo.	153
Imagem 22– Assento de óbito de Roza de Camargo, preta minha forra.	154
Imagem 23- Gravura realizada por W. Burchell, em 1828, da Estrada do Nascente do lado direito da Fonte da Cambaúba (nome anterior da Fonte da Carioca).	157
Imagem 24- O chafariz em foto da década de 1930, tendo ao fundo a casa de luz e força, já demolida.	158
Imagem 25- Desenho do chafariz, feito em 1828 por W. J. Burchell.	158

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Batismo de crianças escravas em Vila Boa 1794-1810.	136
Gráfico 2- Batismo de adultos escravizados em Vila Boa 1794-1810.	137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Definição de classes e grupos.....	142
Tabela 2- Contas de colar.	167

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 CONCEITO DE ETNIA E ETNICIDADE E SUA APLICABILIDADE PARA O GRUPO YORUBÁ: PRIMEIRAS IMPRESSÕES	20
1.1. Conceito de etnia Yorubá: primeiras considerações	23
1.2. A África sob a ótica dos estudos africanistas	26
1.3. Os documentos analisados: Primeiras impressões	31
2 A ÁFRICA DOS YORUBÁS: ORIGEM ÉTNICA E CULTURAL.....	46
2.1. O continente africano e a África Yorubá	46
2.2. Tradição Oral: um caminho metodológico fértil para pesquisas interdisciplinares em história	59
2.3. Yorubá: a língua cantante	68
2.4. Origem mitológica e histórica dos Yorubás	77
2.5. Da visão sobre mundo/universo à percepção do homem para os Yorubás	87
2.6. Espiritualidades e Dimensões na Filosofia Yorubá	92
3 UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DAS REPRESENTAÇÕES DO CONCEITO DE ETNIA YORUBÁ NO BRASIL - EM GOIÁS - NO SÉCULO XIX.....	107
3.1. Da metodologia de análise aos analisados: um diálogo entre a arqueóloga e a historiadora	110
3.2. O Sentido epistemológico de nação e seus desdobramentos	122
3.3. De nação à Etnia Yorubá: Usos e apontamentos perceptíveis em documentos históricos e na historiografia do século XIX na Capitania dos Goyases.....	128
3.4 Fonte de Memórias e materialidades Negras	156
3.5 As contas de vidro Yorubá: seus usos espirituais na Diáspora	173
CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA: COMEÇO, MEIO E COMEÇO	181
REFERÊNCIAS.....	194

INTRODUÇÃO

No âmbito das humanidades, muitos estudos e pesquisas sobre História Africana e Afro-diaspórica, nas Américas e no Brasil, têm sido publicadas. Ainda assim, existe uma gama de temas que persistem ocultos; parte deles, porque não são considerados pertinentes para as pesquisas supracitadas. Ao mesmo tempo, muitos dos temas abordados, ainda que bastantes explorados pelas ciências humanas, continuam apresentando possibilidades de reflexões, desdobramentos e ressignificações, a exemplo do conceito de etnia e de etnia Yorubá, tema desta pesquisa. Cabe questionar ainda, em relação a essas pesquisas, quem são os pesquisadores que se dedicam a esses temas? Quem conta nossa história?

Em 1985, o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, em sua obra “A Festa do Santo Preto”, introduz o livro com o subtítulo: “coisa de preto escrita por branco”. Quase quarenta anos depois, faço-me valer de parte desse título para minha tese; não por comungar de tal pensamento, mas para acrescentar um adendo às pesquisas e às reflexões sobre o tema que escolhi. Em razão disso, reescrevo o subtítulo como “coisa de preto escrita por uma preta”. Não que aquele autor não tenha conseguido alcançar, com sua escrita, e, sobretudo com sua sensibilidade, a complexidade do enredo que compõe o tema “folgado Congada”, mas, como negra descendente desse grupo, me aproprio do meu lugar de fala preta, uma preta que não nasceu escravizada, mas que carrega na pele as marcas desse período, e que busca conhecer suas origens africanas, sejam elas Yorubá, Bantu ou tantos outros povos trazidos para a América brasileira.

Durante muitos anos, nós, afrodescendentes, lemos e ouvimos ‘nossas histórias’ contadas pelo olhar do dominador, pois nos era negada a opção de falar pela via do conhecimento formal e, em alguns casos, até mesmo a opção de existir. Fomos sendo moldados a acreditar que tudo que foi conquistado por nossos antepassados foi um prêmio de boa conduta, ou seja, de obediência aos ‘senhores’. Por isso, por vezes, negamo-nos como negros, como pertencentes a vários grupos africanos em diáspora pelo nosso continente. O processo de aculturação é uma via de mão dupla, mesmo quando a relação tem como base a dominação através da força.

A palavra Yorubá aparece na pesquisa de duas formas: Yorubá e Iorubá. Nas citações, respeitarei a grafia usada pelos autores em seus textos, entretanto, nesta tese, utilizarei a escrita

com Y, por ser a grafia em Yorubá, de acordo com Joseph Abiodun, meu professor de língua e filosofia Yorubá desde 2021.

A tentativa de mutilação cultural, na qual vários grupos étnicos africanos foram expostos ao serem trazidos ao Brasil, demonstrou apenas que não se pode escravizar a cultura de um grupo sem que sua própria cultura seja afetada. Essa afirmação ganha respaldo em autores como Wagner (2010) e tantos outros que abordam o papel da antropologia na compreensão dos processos desencadeados por encontros culturais. Então, quando afirmo que esta pesquisa é uma “coisa de preto escrita por uma preta”, reforço meu lugar de fala nesses encontros. Meu olhar vem de dentro da senzala, que hoje denuncia o tratamento desigual a afrodescendentes e, de forma mais dura e incisiva, a mulheres negras como eu.

Durante meus anos de busca pelo conhecimento acadêmico, me vi quase sempre sozinha, e sempre me vinha à mente duas perguntas: “por que o espaço acadêmico é o lugar onde menos se fala das culturas que nos originaram? e por que sou sempre a única negra da turma?”. A resposta aos meus questionamentos ficava mais evidente cada vez que eu era abordada por algum segurança, ou por alguns professores. Essa é uma forma nada sutil de dizer, para pessoas como eu, que ali não seria meu lugar. Com o passar do tempo, e a partir de novas leituras, transformei minhas indagações em uma de minhas bandeiras.

Diante desse contexto, passei a compreender a desistência e a resistência de alguns irmãos de cor em cursar uma universidade, ou ir além de uma graduação. Ainda somos minoria, mesmo sendo a maioria da população brasileira. Os dados do IBGE de 2022 comprovam que 48% dos brasileiros concluíram o ensino médio; mas, desses, menos de 20% entraram nas universidades e, desses 20%, menos de 4% ingressaram em cursos de doutorado. No caso de mulheres negras, somos menos de 2%. Como parte desses menos de 2%, busco não apenas descrever, na minha tese, o quanto são complexas as construções de conceitos sobre os grupos africanos, como, por exemplo, a construção do conceito de etnia Yorubá; mas também, busco evidenciar o quanto essas construções contribuíram para as lacunas que ainda existem na compreensão das contribuições trazidas pelos povos africanos para a América brasileira.

Por fim, reafirmo que o meu interesse por questões referentes a grupos africanos e à diáspora afro-brasileira se iniciou no âmbito da religiosidade, na década de 1990, quando eu fazia a pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso da graduação em História, no qual pesquisei sobre Umbanda e identidade afro-brasileira a partir das memórias de minha bisavó, falecida em 1997, aos 107 anos. Em minha formatura, recebi de presente de uma professora de

História da América, o livro de Carlos Rodrigues Brandão (1985), citado anteriormente. Essa foi minha primeira leitura sobre Congadas. Já naquela ocasião, notei que, no meio acadêmico, havia poucos trabalhos voltados para esse tema, o que evidenciava a pouca visibilidade da cultura africana nesse meio.

Diante disso, meu interesse pela temática veio ao encontro dos meus anseios pessoais como negra, quilombola e iniciada na tradição dos Orixás. A Congada, tema de meu primeiro doutoramento, defendido em 2017 na PUC Goiás, parecia, a meu ver, mais um dos retalhos importantes para a compreensão dos processos de ressignificação construídos pelo negro em diáspora brasileira, na busca por recriar sua identidade religiosa. Assim, estudar essa manifestação, com base nas memórias dos que a vivenciam, me pareceu uma forma de dialogar com esse contexto complexo, rico e quase sempre invisibilizado na sociedade goiana.

Ainda na busca pelo mapeamento da história negra em Goiás, desenvolvi um estágio pós- doutoral, cujo objetivo principal consistia em mapear a presença do grupo de etnia Yorubá nessa região, durante o século XIX. Ao final de três anos de pesquisa, me deparei com diversas vertentes. Para a historiadora goiana Maria Lemke Loiola (2011), em sua obra “Trabalho, família e mobilidade social: notas do que os viajantes não viram em Goiás, c. 1770/c. 1847”, para a Capitania dos Goyazes não vieram grupos do tronco Yorubá; segundo ela, para essa capitania, só vieram grupos do tronco Bantu. Isso porque, nos documentos analisados pela historiadora, ela não encontrou o termo Yorubá. Essa foi a primeira historiadora goiana para qual a pesquisa me apontou. Seguindo a perspectiva da autora na historiografia goiana, fiz uma imersão nos primeiros viajantes naturalistas que descreveram a sociedade da Capitania nos séculos XVIII e XIX; dentre eles, Johann Emmanuel Pohl (1976) e Auguste de Saint-Hilaire (1975a; 1975b).

Ambos retrataram muito mais que a fauna e flora, se dedicaram a registrar a sociedade, os seus hábitos e os seus costumes. A análise da obra desses viajantes feita por outros goianos, como, por exemplo, Zoroastra Artiaga (1947; 1959; 1961), Alencastre (1979), Americano do Brasil (1961; 1973), Luis Palacín (1972), Nasr Chaul (1998; 2002), Paulo Bertran (1987; 2010), Sebastião Fleury Curado (1956), Gilka Salles (1992), Clara Duran Leite (2000), Mary Karach (1996; 2010), Cristina de Moraes (2005), Janira Sodré Miranda (2011), entre outros, que ademais, apontavam a presença de outros grupos.

Isso foi feito através da análise de 13 documentos do período, sendo eles: 09 registros de óbito, 02 registros de batismo, 01 carta de liberdade e o estatuto da Irmandade de Nossa

Senhora do Rosário dos Pretos. Os documentos estão sob a guarda do Instituto Goiano de Cultura e Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central (IPHBC) e foram acessados entre os anos de 2021 e 2023.

Em sua obra “História de Goiás” (1947), Artiaga fala da presença dos Yorubás em Goiás e de outros grupos do tronco sudanês. Ao falar do grupo Yorubá, ele ressalta: “... Os guineses falavam uma língua denominada Iorubá. Desse dialeto, herdamos vários vocábulos, a saber: quilombo, moleque, mocambo, catolé e cachimbo...” (Artiaga, 1947, p. 231). Nesse trecho, se percebe alguns equívocos do autor, as palavras que ele cita são de origem quimbundo, apesar de a região ser habitada por grupos do tronco sudanês.

A ideia de se discutir o conceito de etnia com foco nos Yorubás tem apontado para o processo de desumanização dos africanos presente nos documentos e na historiografia da época. Isso é perceptível a partir da negação da pertença étnica. Foram fontes de análise documentos do século XIX, como registros de óbito, registros de batismo e cartas de liberdade. Minha hipótese é de que essa negação étnica, presente nos documentos analisados, contribuiu para os equívocos que se seguem nas pesquisas historiográficas sobre o tema e que se fundamentam até a atualidade: posturas racistas e desumanas para com os afrodescendentes. Assim, analisar esses documentos e os autores que se dedicam ao tema me pareceu uma forma de dialogar com esse contexto complexo, rico e quase sempre invisibilizado na sociedade goiana.

A literatura goiana trouxe algumas reflexões. Dentre elas, temos a constatação da pluralidade identitária desses africanos trazidos para a Capitania dos Goyazes, como aponta Gomes (1993):

[...] 1720, década em que o ouro foi descoberto no Rio Vermelho às margens do qual mais tarde os portugueses assentariam a fundação da Vila Boa, centro político de uma região que se estendia por um arco que incluía Carmo ao Norte, Santa Cruz ao Sul e a própria Vila Boa a oeste. Para compor a força de trabalho durante todo o século XVIII, foram introduzidos africanos de diversas proveniências, chegando, no auge da exploração aurífera, na década de 90 daquele século XVIII ao número de 40 mil escravos, em uma contagem sub-estimada porque escapar ao censo era escapar ao imposto e este tipo de escape era comum nas Minas dos Goyazes (Gomes, 1993, p. 59).

Esses escravizados eram descritos nos documentos de compra e venda, batismos, óbitos, cartas de liberdade e estatuto de irmandade negra, quase sempre por seu lugar de origem, o que dificultava o registro de sua origem étnica. Outro elemento pertinente a essa identificação é

como os falantes de Yorubá eram nomeados em Goiás e no Brasil (como “mina”, “nagô”, “da costa”, “jeje”, “ketu” etc.).

Anderson Oliva, no livro “A Invenção dos Yorubás” (2005), destaca a importância da compreensão desses nomes usados para designar os Yorubás para se compreender o que o autor chama de nagocracia. Durante a pesquisa, me deparei com os diversos discursos sobre o conceito de etnia Yorubá, ora vista como um único grupo, como defendem o africano Yorubá Abimbola (1976), o arqueólogo Akin Ogundiran (2023; 2024), o sociólogo Sikuru Sálámi King (1990; 1992; 1996) e o pesquisador Ki-zerbo (1980; 1982); ora vista como uma nação étnica formada por grupos e subgrupos, como afirma Oliva (2005).

Nesse sentido, o principal desafio da pesquisa foi compreender o processo de construção conceitual da ideia de etnia Yorubá. Assim, me propus a apresentar os conceitos de etnia e os desdobramentos deles oriundos dos processos diaspóricos no contexto escravocrata: um processo de morte epistêmica, mas também de ressignificações e de manifestações religiosas e linguísticas vivenciadas pelos grupos traficados, com ênfase nos grupos sudaneses falantes de Yorubá.

Minhas pesquisas têm apontado que esses desdobramentos e a negação da origem étnica dos africanos auxiliaram no apagamento dos diversos grupos trazidos ao Brasil, durante o período do tráfico, e ainda contribuíram para a propagação de conceitos equivocados sobre as culturas, as línguas e todo o sistema simbólico, cultural e espiritual dos africanos. Para tanto, a metodologia utilizada foi composta por revisão bibliográfica, análise documental e iconográfica e autoetnografia.

Para além da historiografia goiana já citada, esta pesquisa também incluiu pesquisadores africanos e pan-africanistas que privilegiam os seguintes temas: concepção de etnia, diáspora africana, história cultural, etnicidade africana, identidade nacional, africanos em Goiás, irmandades negras, religiões tradicionais africanas, Yorubás e diversidade cultural afro. Dentre eles, estão: Ellis (1894), Abimbola Wande (1976), Johnson (1921), Ortiz (1985), Rüsen (2010), Loiola (2011; 2012), Karasch (1996), Souza (2014), Taylor (1998), Le Goff (2000), Burke (2008), Munanga (1988, 1999, 2002), Santos (2014), Palmié (2007), Oliva (2005), Verger (1997a; 1997b; 1999), Frobenius (1949; 2010), Ki-Zerbo (1980; 1982) e Ogundiran (2023; 2024).

Essas bases teóricas, dentre tantas outras citadas ao longo da tese, justificam a necessidade de desconstruir o conceito de etnia única e adotar o de etnias múltiplas, unidas por um tronco linguístico e por um mito de origens comuns, que transcendem cosmologias e consanguinidade. O registro da presença de Yorubás nessa região será realizado por meio de: (1) análises documentais e iconográficas; (2) análise de relatórios de pesquisas arqueológicas realizadas em Goiás; (3) análises de teses, dissertações e livros de pesquisadores sertanistas, em busca das formas representativas pelas quais os Yorubás eram descritos.

A esse respeito, na obra “Centro-africanos no Brasil Central, de 1780 a 1835”, Mary Karasch (2000) analisa outra sociedade mineradora na América portuguesa: a Capitania de Goiás. Apesar de contar com apenas 40 mil escravizados no auge do sistema escravista, a autora chama a atenção para o fato de que os centro-ocidentais tiveram uma participação fundamental na construção da cultura afro-brasileira no Brasil Central. Os dados apresentados por Karasch para Goiás podem ser interpretados como “uma espécie de microcosmos do Brasil” (Karach, 2000, p. 149 *apud* Santos, 2009).

É importante ressaltarmos que, devido à compreensão de que o mapeamento do grupo Yorubá na Capitania de Goyazes não será possível pelas lacunas que já foram apontadas nessa introdução, a pesquisa focou nessas lacunas que apontaram outros caminhos, como o da reflexão sobre a construção do conceito de etnia e, por conseguinte, de etnia Yorubá, com seus desdobramentos e efeitos na construção historiográfica.

Após três anos de pesquisas no estágio pós-doutoral, e dos anos neste doutorado em História, sempre voltados a mapear o grupo Yorubá na Capitania de Goiás, construí algumas indagações. A principal delas foi sobre qual caminho seguir para esse mapeamento. Diante da escassez de documentos que trazem dados sobre as etnias dos escravizados, esse questionamento ganhava força a cada documento analisado, a cada biografia encontrada; afinal, surgia a dúvida: Yorubá é também uma etnia, ou é um tronco linguístico que unia vários grupos? De acordo com Ribeiro (1996), é uma etnia que comunga de um mesmo tronco linguístico com variações. Não seria possível responder a essas indagações sem analisar o processo de construção conceitual da palavra/conceito de etnia e de etnia Yorubá.

Em suma, nesta pesquisa, dediquei-me a compreender a construção do conceito de etnia Yorubá através de estudos realizados no continente africano, e em territórios diaspóricos, por meio da análise de quatro documentos do século XIX, sendo eles: uma carta de liberdade, duas certidões de óbito e duas certidões de batismo. Com isso, tenho o objetivo de refletir sobre as

estratégias colonialistas, mesmo que ‘involuntárias’, para a construção da desumanização dos povos escravizados e da legitimação do processo de escravatura.

Para além dessa questão, a pesquisa busca refletir sobre os desdobramentos dos conceitos de etnia Yorubá e de suas representações nas pesquisas dos autores goianos e nos documentos do século XIX da Capitania dos Goyazes. Para tanto, inicialmente fez-se uma leitura dos trabalhos que se dedicaram a refletir sobre o regime escravocrata, observando a variedade de etnias africanas trazidas ao Brasil e a Goiás. Buscou-se verificar, através das pesquisas, os africanos registrados como Yorubá na Capitania dos Goyazes e os diversos nomes pelos quais eram representados, refletindo, assim, sobre as construções historiográficas acerca da presença dessa etnia no Brasil e Goiás, nesse primeiro momento, por meio dos nomes pelos quais eram registrados e da percepção dos autores da época, em consonância com minha percepção.

A tese, *a priori*, estava dividida em quatro capítulos, contudo, após a qualificação e as considerações de minha orientadora, decidimos fechar em três capítulos, sendo que o quarto se tornou nas considerações finais sobre a pesquisa. Dessa forma, esta tese está organizada em três capítulos, com subdivisões em tópicos, a saber:

O primeiro capítulo “Conceito de etnia e etnicidade e sua aplicabilidade para o grupo Yorubá: primeiras impressões” objetiva apresentar o conceito de etnia Yorubá na historiografia africana e na historiografia europeia; depois, na América e, em seguida nos escritos dos primeiros historiadores da Capitania dos Goyazes, subdividido em três tópicos.

O segundo capítulo “A África dos Yorubás: origem étnica e cultural” aborda a origem da etnia Yorubá no continente africano e em diáspora no Brasil, dando ênfase às filosofias e às cosmo percepções, no intuito de compreender suas relações com o mundo e com os outros grupos. Esse capítulo traz um panorama das principais obras africanas e pan-africanistas já escritas sobre o grupo, assim, foi dividido em cinco tópicos.

O terceiro capítulo “Uma Análise Historiográfica das representações do conceito de etnia Iorubas no Brasil em Goiás no século XIX” discute as representações do conceito de etnia Yorubá no Brasil e em Goiás, para isso, partimos da premissa de documentos do século XIX - carta de liberdade, certidão de óbito e certidão de batismo, coletados nos arquivos da cidade de Goiás e de Goiânia; mais especificamente, no Arquivo Frei Simão Dorvi, na cidade de Goiás; no Arquivo do Museu da Bandeiras (MUBAN) e no Arquivo IPHBC da Pontifícia Universidade Católica de

Goiás. Essa discussão também foi subsidiada pelas pesquisas arqueológicas e análises introdutórias da cultura material, coletadas na primeira fonte de água potável da Capitania dos Goyazes (Fonte da Carioca), em pesquisa coordenada pelas arqueólogas Margareth Lourdes de Souza e Cristiane Loriza Dantas, entre os anos de 2010 e 2012. Ao finalizar o terceiro capítulo, percebeu-se que não havia necessidade de um quarto capítulo, considerando que a tese se baseia em fontes teóricas, análise de relatórios e materialidades negras. Ativemo-nos, então, em dividir o terceiro capítulo em tópicos, e nele contemplamos o que havíamos proposto no que seria o quarto capítulo.

Dessa forma, no terceiro capítulo, além da proposta no título, trouxemos a análise do relatório e das materialidades comprovando a presença” dos Yorubás em Goiás. Na busca por uma reflexão, enquanto uma intelectual inorgânica, buscamos responder às seguintes indagações: 1) O que é a etnia Yorubá para mim? 2) O que se compreende por comunidades de práticas múltiplas/plurais - termo utilizado pelo arqueólogo Akin Ogundiran (2023; 2024) - criado pelo antropólogo Etienne Verger (1997a; 1997b; 1999) - para falar do Yorubá-? 3) Em que esse termo/conceito contribui para a minha percepção, enquanto pesquisadora?

Buscou-se também entrelaçar as reflexões de autores como Anderson Oliva (2005), Nego Bispo (2021; 2023), Beatriz Nascimento (1976), Abdias Nascimento (2002), Lelia González (1988), Grada Kilomba (2019), Carlos Rodrigues Brandão (1978; 1985), Irislane Moraes (2022), Munis Sodré (2017), que se dedicam a refletir sobre a presença Yorubá nos processos de resistência de africanos na diáspora brasileira na formação dos quilombos e de outros refúgios negros. Ao entrelaçar as reflexões dos autores/pesquisadores sobre a etnia Yorubá, reafirmo minha convicção que os mesmos são Comunidades plurais, concebidas por mim como propõe o arqueólogo e antropólogo Ogundiran, os Yorubás são Comunidades práticas vívidas e plurais.

Finalizou-se a tese com as considerações sobre a pesquisa, e assim, conseguimos cumprir o objetivo de refletir sobre o conceito de etnia Yorubá, seus usos na historiografia e os desdobramentos apontados nesta pesquisa a partir das reflexões trazidas pela história e arqueologia sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA: COMEÇO, MEIO E COMEÇO

Chegou o momento de convergir todas as discussões desenvolvidas nesta pesquisa de doutorado, que teve como objetivo refletir sobre os usos do conceito de etnia Yorubá no continente africano e *in* diáspora, e seus desdobramentos na historiografia e na Capitania dos Goyases no século XIX (1803-1813). Para tanto, propusemo-nos, inicialmente, escrever quatro capítulos que refletiriam as teorias que consolidaram o conceito de *etnia* e *etnia Yorubá in África e em diáspora*. Entretanto, organizou-se a tese em três partes.

O primeiro capítulo teve como título “Conceito de etnia e etnicidade e sua aplicabilidade para o grupo Yorubá: primeiras impressões”. Nesse, a pesquisa apontou para os diversos significados da palavra etnia e as interpretações do conceito que a envolve:

Historicamente, a palavra etnia significa "gentio", proveniente do adjetivo grego *ethnikos*. O adjetivo se deriva do substantivo *ethnos*, que significa gente ou nação estrangeira. É um conceito polivalente, que constrói a identidade de um indivíduo resumida em: parentesco, religião, língua, território compartilhado e nacionalidade, além da aparência física (Biobaku, 1852 *apud* Race, 2006, p. 122).

Sobre essa teoria, percebemos que foi utilizada para se referir a grupos ou nação estrangeiras que as pesquisas de Biobaku (1852) e Race (2006) nos levam a refletir sobre as construções e representações historiográficas do conceito de etnia Yorubá, que nessa perspectiva nos aproxima do conceito elaborado por Barth (1976; 1994), o de etnicidade, que pode ser compreendido não como uma quebra de paradigma no que seria o conceito de etnia, mas como a ampliação de seus sentidos e significados que são compreendidos por nós como movimentos entre os indivíduos do mesmo grupo e a relação com outros grupos e seus territórios, sendo todos esses elementos considerados como demarcados e ressignificadores de identidades em consequência dos desdobramentos do conceito de etnia vivenciados pelos grupos africanos, dentre eles, os Yorubás. Assim, nesse capítulo, partiu-se da definição de etnia que pode ser compreendida como um atributo de uma pessoa ou um grupo, usualmente conhecida na antropologia e na sociologia como paradigma tribal (sobre o qual falamos no primeiro capítulo) (Barth, 1976; 1994). Partimos da teoria barthiana porque ela avança na compreensão do conceito de etnia, embora seja construída com base em um contexto não diaspórico. Em se tratando dos Yorubás, a diáspora, mesmo dentro do continente africano, por

causa de disputas territoriais entre grupos, ou dentro do território brasileiro durante os quase quatrocentos anos de tráfico de africanos para o continente, é considerada como elemento importante para a compreensão do grupo enquanto pertencente a uma nação étnica.

Por considerar o elemento diáspora, refletiu-se sobre a influência de elementos ocidentais, que foram se mesclando à noção de etnia vivenciada pelos grupos, devido à imposição das colonialidades tanto durante os contatos com outros grupos étnicos no continente africano quanto no contato com os ocidentais. Na busca pela compreensão, e com base nos teóricos escolhidos, apoiamos o primeiro capítulo na historiografia africana e nos primeiros autores que abordam também a formação historiográfica das etnias africanas, dentre elas, a Yorubá. Iniciamos com Macedo (2008), em suas pesquisas ele afirma que “...os estudos africanos nasceram no princípio do século XX e se afirmaram no decurso dos anos 1960, junto com a formação dos Estados africanos contemporâneos” (Macedo, 2008, p. 13). A principal contribuição desse autor para reflexão foi ressaltar a importância de ler refletir sobre esse tema tendo como bases autores africanos, no intuito de compreender que o processo de dominação eurocentrada passa também pela escrita da história oficial. Dessa firma, navegamos pelas teorias do historiador congolês Elikia M'Bokolo (2003), que enfatizou a necessidade da substituição da expressão “África Pré-colonial” por “África tradicional”, segundo o autor, ambos fomentam uma visão equivocada do continente, gerando prejuízos na medida em que, para o Ocidente, a ideia de tradição costuma ser identificada com imobilismo, conservadorismo, estagnação, opondo-se ao dinamismo, ao avanço e à transformação inerente à ideia de modernidade (M'Bokolo, 2003). Por isso, em vez desses rótulos, o melhor mesmo é falar simplesmente de “História do continente africano”, sem complementos ou adjetivos. Nesta pesquisa, adotamos o uso de “história do continente africano” não apenas por concordar com o autor, mas por perceber, na historiografia oficial, os equívocos causados pelo uso do termo “História da África” - esse termo fomenta a alusão de que a África é um país, e não um continente.

Seguimos com a teoria do historiador guinense Lopes (1994), em seu importante estudo “A pirâmide invertida: historiografia africana feita por africanos” (1994), nessa obra, o autor apontou a existência de pelo menos três tendências principais de abordagem da história do continente africano, sobre as quais refletimos no primeiro capítulo. Em resumo, são: primeira corrente, a da inferioridade africana”, evidencia a ideia de que os povos africanos, por não conhecerem a escrita (o que é, naturalmente, uma falácia), não teriam história própria. Essa

ideia se tornou uma ideologia que sedimenta posturas dentro e fora das academias. Ela tem como propósito manter a marginalidade das histórias e silenciar os protagonismos dos povos tradicionais, que têm, como base para sua filosofia, a tradição oral. Dessa corrente, enfatizamos mais três elementos, a presença de africano na construção dessa teoria, africanos com visão europeia, o total desconhecimento dos colonizadores sobre as cosmo percepções dos povos africanos e sobre o que os leva a crer e a renegar todo e qualquer outro modo de existir, o que faz os colonizadores utilizarem essa negação como instrumento de aniquilação epistêmica. Essa corrente reforçou nossa escolha metodologia de contar uma história do continente africano partir da escrita de intelectuais africano conscientes de sua história.

A segunda tendência, “corrente da superioridade africana”, teve como principais defensores Cheikh Anta Diop (1987; 1989; 1955-1967, 1974), Théophile Obenga (1982), Aboubacry Moussa Lam e Kapet De Bana, nasceu como estratégia para recuperar a história dos povos africanos e refletir sobre a identidade do continente, visando evidenciar os precursores de sua história e inverter a posição de subordinação até então preponderante, ao localizar no continente africano a matriz civilizacional de outros povos. Principal precursor Cheikh Anta Diop (1923-1986), considerado pela historiografia africana como o “pai” do pan-africanismo. Diop teve, em sua formação, grandes mestres, a exemplo do filósofo Gaston Bachelard, do arqueólogo Leroi-Gourhan (criador e difusor dos métodos de escavações arqueológicas mais usados atualmente, um dos primeiros a escavar Ilé Ifé) e do historiador André Aymard.

Os estudos afrocentristas ganharam força com o apoio de instituições internacionais e de novos pesquisadores. Em 1960, apareceu o mais respeitado periódico científico reservado aos estudos de africanismo na França até então, o *Journal of African History*. Por sua vez, em 1972 [1982], Joseph Ki-Zerbo escreveu uma consagrada síntese histórica sobre o continente, a *Histoire de l’Afrique Noire* (História da África negra), traduzida para diversas línguas e tida como um clássico da historiografia africana, uma das fontes utilizadas nesta pesquisa. E por fim, analisamos a terceira tendência de abordagem da história africana foi fomentada durante a década de 90 e tem, como particularidade, ser o resultado da produção de conhecimento de intelectuais formados no próprio continente africano. Suas contribuições visam o intuito de superar os resquícios e mazelas do “eurocentrismo”, mas também do “afrocentrismo”. O maior exemplo dessa tendência encontra-se na síntese histórica proposta entre 2003 e 2004 por Elikia M’Bokolo, do Centro de Estudos Africanos da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*,

em Paris, intitulada *Afrique noire: Histoire et civilisations* (África Negra: História e civilizações). O autor retira as datas e os eventos e, no lugar deles, coloca conceitos pelos quais são estabelecidas tipologias das formações estatais e sociais, levando em conta a variedade de povos e culturas, identificando e evidenciando as interferências externas (muçulmanas, cristãs etc.) e sua africanização.

Nessa perspectiva de estudo, a ênfase não está mais em uma suposta “identidade africana”, como se a África comportasse uma realidade homogênea, o que se procura é identificar as várias Áfricas dentro da África, considerando a diversidade ambiental (a África mediterrânica, saariana, subsaariana, das savanas, da floresta) e a diversidade étnico-cultural. De forma contundente, essa perspectiva contribui para nossas reflexões ao fomentar nossa teoria de que no conceito de etnia Yorubá tem muito das percepções eurocentradas, e essa tantas buscam com a utilização do conceito, no primeiro momento, a homogenização desse grupo, um grupo formado de vários outros que se diferem em muitos aspectos assim como se unem em tantos outros. Iniciou-se as reflexões desse capítulo com o conceito de Paradigma tribal proposto pelo sociólogo Maffesoli (1987), seguimos pelas reflexões de Barth (1976; 1994) e seu conceito de etnicidade e, em seguida, caminhou-se por um “resumo” historiográfico das correntes teóricas africanas, da história da África e de suas identidades étnicas, com o intuito de apontar parte de nosso referencial teórico-metodológico e apresentar o arcabouço africano escolhido e sua importância para o tema da pesquisa.

Seguiu-se pelas historiografias na diáspora brasileira, refletindo sobre a construção do conceito de etnia Yorubá no Brasil e em Goiás. Em diáspora, dialogamos com construção do conceito de raça e sua utilização enquanto desdobramento do conceito de etnia no período escravocrata para registro de africanos. Apresentamos parte de parte dos documentos analisados exploramos sua veracidade e conteúdo. Através deles e dos primeiros sertanistas goianos, deparamo-nos com os diversos nomes com os quais os Yorubás eram registrados no Brasil, Mina, Nagô, Jeje, Da Costa, Yorubá. Traçamos nos mapas o caminho real que ligava Bahia à Capitania dos Goyases, reconhecemos dos textos goianos os grupos trazidos à Goiás, bantos e sudaneses.

Na perspectiva de Munanga e João José Reis Anderson Oliva, mapeamos a construção do conceito de etnia Yorubá, oriundo de estudiosos europeus, reencontramos as questões políticas e sociais que fizeram com que o uso de etnia Yorubá se tornasse um chamado de união entre os grupos que formam essa nação, durante os processos de libertação dos países africanos

onde os grupos vivem. Assim, de instrumento de colonização a instrumento de resistência, o conceito de etnia Yorubá é visto pelos dois prismas, ainda assim, o que fica das pesquisas é que esse conceito construído de processos dentro e fora dos grupos não comporta a riqueza social, cultural e espiritual desses grupos também chamados de “Comunidades práticas” por Ogundiran (2022), e “Comunidades plurais” para esta pesquisadora.

O segundo capítulo iniciou-se na certeza de que, mesmo com diversos significados, o conceito de etnia não conseguiu suprir os entrelaçamentos que unem os grupos Yorubás. E os documentos só salientam e descrevem as diversos equívocos evidente em algumas das literaturas que não se atentam ao fato de que as identidades são construídas também e ressignificadas em processos de subjugação, e confirmaram os nomes pelos quais os Yorubás foram registrados na diáspora; salientados também por pesquisadores que se dedicaram a escrever sobre a influência dos Yorubás na religiões afro-diaspóricas enfatizando as nações de candomblé nagô, jeje, angola, betu, nomes que fazem alusão à origem étnica de seus fundadores sendo de origem Yorubá os candomblés de betu, nagô e jeje.

Assim, adentramos no segundo capítulo com mais uma pergunta: como compreender os processos construtivos desse conceito nos povos Yorubás? Para isso, e tendo como norteadora os estudos pan-africanistas que apontam que sem considerar a oralidades e as cosmopercepções não compreensão sobre os povos africanos, e nutridos do conceito de Ogundiran (2022) de que os Yorubás são Comunidades práticas, conceito sobre o qual me desdobrei no terceiro capítulo, segui para o segundo capítulo. O mesmo se ateve em compreender a origem histórica social e mitológicas dos Yorubás no continente africano e em diáspora no Brasil, dando ênfase às filosofias e às cosmopercepções desse grupo, no intuito de compreender suas relações com o mundo e com os outros grupos e compreender as representações que a historiografia traz sobre o conceito de etnia Yorubá.

Seguimos nutridos da perspectiva de Diop (1987), olhar para África com olhas dos africanos; para tanto, o capítulo dois trouxe um panorama das principais obras africanas e pan-africanistas já escritas sobre o grupo. Iniciamos com Ki Zerbo (1982), e a origem da palavra África inicialmente, ela era usada para designar o litoral norte-africano e foi somente a partir do fim do século I antes de Cristo, que ela passou a designar o continente como um todo. Nesse processo, ele aponta as cinco versões/origem da palavra cada qual derivada de uma língua e povo diferente. Ao final, o autor cita sua origem mitológica na qual me ative por ser a que mais se enquadrava nas pesquisas também na diáspora com essa versão aprendemos e aprendemos

partir do mito histórico retomado por Leão, o Africano, que diz que um chefe iemenita chamado *Africus* teria invadido a África do Norte no segundo milênio antes da era cristã e fundado uma cidade chamada Afrikyah: “o mais provável, contudo, é que esse termo seja a transliteração árabe da palavra África” (Ki-Zerbo, 1982, p. 21).

Esse mito foi registrado e publicado pelo etnólogo alemão Leo Frobenius, em sua obra “A Gênese Africana: Contos, Mitos e Lendas da África”, traduzida em 2010 por Dinah de Abreu Azevedo; o que aponta, mais uma vez, para a importância da tradição oral como constructo étnico e identitário sobre o qual discorre-se no capítulo dois. O capítulo seguiu refletindo sobre as representações do conceito de etnia Yorubá, assim, buscamos em Durkheim (1983) as reflexões sobre as representações coletivas abrangem uma cadeia completa de formas intelectuais que incluem ciência, religião, mito, modalidades de tempo e espaço, por acreditar que nesse contexto, precisávamos de uma leitura mais ampla possível, isso para iniciar, já que sabemos que ter nascido em contexto diaspórico pode ser um elemento que limita minhas percepção enquanto pesquisadora, porém, devemos considerar que sob essa perspectiva, qualquer tipo de ideia, emoção ou crença, que ocorresse dentro de uma comunidade e está incluído no conjunto de representações coletivas dela. E por vezes, isso representa um empecilho sério para as pesquisas, pois, pelo fato de querer incluir demais, inclui-se muito pouco, assim corremos o risco querer compreender tudo é perder tudo. Ainda assim, arriscamos.

Dessa forma, seguimos refletindo sobre a afirmação de Ki-Zerbo de que “a África tem uma história”, sua própria história, para além das representações europeias (Ki-Zerbo, 1982), logo, imergimos nas cosmopercepções do continente africano e dos Yorubás. Em se tratando do continente, constatamos que é um continente abatido por vários séculos de opressão. Um continente que presenciou gerações de viajantes, de traficantes, de exploradores, de missionários, de procônsules, de “sábios” de todo tipo e de pesquisadores que acabaram por fixar sua imagem a partir de suas visões do que seria negativo; como a imagem da miséria material ou a imagem do que, para eles, é visto como barbárie e caos. Uma imagem projetada que ainda tem sido explorada para justificar os saques e as manipulações das guerras civis.

Dessa perspectiva, chegamos ao poder das representações e como elas são usadas para solidificar relações de poder e opressões durante séculos. Na esteira dos africanistas, o capítulo ressaltou a história vista e vivenciada, a origem das origens civilizacionais ressaltadas/escavadas nas terras do continente a imensidão territorial e riquezas minerais culturais e sociais, o continente berço da humanidade, afirma Defourny e Haddad (2005). Um

continente constituído de muitas áreas etnoculturais caracterizáveis por um conjunto de fatores geográficos, sociais, culturais e cosmológicos torna-se difícil a apresentação de todos os grupos em um único mapa, bem como a demarcação nítida dos limites entre um grupo e os demais. Por isso, os equívocos? Não apenas a necessidade de dominação trazida pelos primeiros europeus, que buscam homogeneizar na tentativa de entender para subjugar.

Assim, chegamos às primeiras divisões *África branca* versus *África negra* (Djait, 1982). Evidenciando que em um exame histórico mais aprofundado revela linhas divisórias menos nítida: tem muitas Áfricas dentro do continente, assim percebo. Para reforçar minha afirmação, trouxe as pesquisas de Ribeiro (1996) que apontam essas divisões e não eram nítidas aos grupos. Ainda assim, Djait propõe que dentro das divisões África branca e negra onde os grupos sejam divididos dentro do que ele chama geo-históricas na perspectiva da oralidade. Assim ficou:

1. Egito, Cirenaica, Sudão nilótico;
2. Magreb, incluindo a franja norte do Saara, as zonas do extremo Ocidente, a Tripolitânia e o Fezzan;
3. Sudão Ocidental até o lago Chade em direção a leste e incluindo o sul do Saara;
4. Etiópia, Eritreia, Chifre Oriental e Costa Oriental;
5. Golfo da Guiné, África Central e o sul da África.

Houve também tentativas de realizar essas classificações segundo os parentescos linguísticos e etnoculturais, porém, essas tentativas enfrentaram enormes dificuldades. Em muitas áreas, a intuição de que existem essas relações de parentesco ainda sobrepuja a prova estabelecida cientificamente; não havia a compreensão de que alguns grupos vivenciam compreendem família em um conceito mais amplo as famílias estendidas. Apontamos as classificações linguísticas feitas pelos primeiros etnologias e linguistas. Abordamos as especificidades da escravização no continente, refletimos sobre as pesquisas arqueológicas sobre a origem do *Homo sapiens sapiens*, para tratar das materialidades que comprovam as tecnologias inventadas/surgidas no continente com objetivo de ressaltar a importância do continente para com o desenvolvimento do que chamamos hoje de humanidades. Em seguida, iniciamos as reflexões sobre a concepção de etnia Yorubá, na perspectiva de Ogundiran (2022), autor da obra “The Yorubas: a new history”, lançada em 2023 pela editora *Indian University*

Press, onde o autor traz o conceito de “Comunidades práticas” sobre o qual abordamos no terceiro capítulo.

O capítulo ressaltou a origem dos Yorubás, para tanto, utilizamos as pesquisas de Ki-Zerbo (1980; 1982), Ribeiro (1996), Oliva (2005) e Ogundiran (2023), situamos geograficamente e destacamos os principais reinos antes do contato com os europeus e durante. Chegamos à construção do conceito de etnia Yorubá iniciando com a "etnologia “feita por Samuel Johnson (1921). Refletimos e consideramos que o autor mesmo sendo de origem Yorubá da região do atual Benin, parte das categorias de pensamento ocidentais para registrar e analisar a cultura e a religião dos Yorubás, enquanto a África olha para o passado na perspectiva da teoria Sankofa, conceito de Some (2007), onde ressalta a importância do passado e da oralidade, o olhar de dentro.

Seguiu-se com Abimbola (1976), que registra as cosmocepções Yorubás no livro, e a partir da filosofia sagrada de Ifá, nesse movimento Sankofa, buscou-se na atualidade pesquisadores que trabalhassem com essa perspectiva para entender a diáspora africana no Brasil e na América Latina, para isso, trouxemos Moraes (2021) e Grada Kilomba (2019). Falamos de colonialismos das colonialidades e o que impuseram a esse grupo. Dos símbolos que atravessaram o Atlântico como as contas de vidro Yorubá, amuleto sagrado e símbolo da realeza. Apontamos as origens míticas partir de Ilé Ifé, e seguimos com as relações e a oralidade base de toda existência e resistência desse grupo.

Em um tópico chamado “Tradição Oral: um caminho metodológico fértil para pesquisas interdisciplinares em história”, discorremos sobre as teorias de Hampâté Bâ (1982), onde ele afirma que as tradições orais podem/devem ser compreendidas como mecanismos mediante os quais as sociedades de cultura oral interpretam e representam seu passado no presente, apreendendo e disseminando, entre os seus integrantes, os modos de vida (como as técnicas de metalurgia, tecelagem, agricultura, cerâmica e arquitetura), a organização social, as relações de parentesco e as genealogias pelas quais estruturam as relações sociais e políticas em suas sociedades.

Dessa perspectiva, historicamente falando, as tradições orais africanas, desde a década de 1960, a partir da independência de diversos de seus países, vêm se transformando e ganhando espaço em pesquisas acadêmicas, tornando-se uma fonte interdisciplinar de informações, com potencialidades e possibilidades para o conhecimento do universo de suas populações. A partir dessa afirmação, sedimentamos nossas reflexões com Mbembe (2001), Jewsiewicki; Mudimbe

(1993), ainda no movimento Sankofa, ressaltamos o pioneirismo, no campo de estudo das tradições orais, de Jan Vansina (2010), em sua obra “A tradição oral e sua metodologia de pesquisa seguida até a atualidade”. Assim, ao final desta reflexão, exaltamos a atuação de três grandes pesquisadores que ressignificaram as pesquisas ao afirmar que a tradição oral é uma fonte de pesquisa primordial para compreender os grupos africanos.

Hampâté Bâ revela, em sua autobiografia, a transmissão das tradições orais e seus significados como experiência própria. Djibril Tamsir Niane (1982), estudioso da epopeia de Sundjata Keita e Jan Vansina (2010), percebe as tradições orais como documento, fruto do conhecimento ancestral, e como “processo”, pois os genealogistas não se prendem ao passado, mas interpretam o presente político de suas sociedades. O que reafirma nossa compreensão de que sem considerar as fontes orais não existe a possibilidade de se compreender as sociedades africanas dentre elas as Yorubá.

Ao final da discussão, focamos na tradição oral dos Yorubás e na esteira das pesquisas de Ribeiro (1996), adentramos as epopeias e dos poemas, que incluem canções, cantigas e cânticos, também chamados, entre os Yorubás, de Áduras, Orikís e Oríns. Esses cânticos seriam as narrativas que incluem provérbios, enigmas, orações e genealogias e neles estão presentes conselhos e mensagens históricas. Discorremos sobre o *asé* da palavra entre os Yorubás retornando a Hambapê Bâ, introduzimos a língua falada como elemento aglutinador filosófico e mitológico refletimos com as teorias e apontamentos de Abimbola Wande (1976), Bâ (1982; 2013), Ki-Zerbo (1980; 1982), Ribeiro (1996), Sàlámì (1990; 1992; 1996), Leite (1992), Oliva (2005) e outros, refletimos sobre as variações dialetais partir dos primeiros linguistas a registrar o Yorubá, refletimos com os pensamentos de (Olaniyan, 1985), Obenga (1982) seguimos com as pesquisas de Abimbola (1976) e Sàlámì (1990), sobre as cosmo percepções e a tradição dos orixás através da transcrição dos aduras, Orikis, Orins. Seguimos analisando a origem mitológica evidenciada nos mitos e rezas cantadas e faladas, iniciamos conceitualizando mito na perspectiva de Eliade (1972).

Na Cosmologia, mediante a perspectiva de Rosenfeld (2005), seguimos com as concepções da Antropologia e da História sobre cosmogonia de Ki-Zerbo (1982), Anderson Oliva (2005), João José Reis (1996; 2005), Japiassu; Marcondes (2008), na Religião e na Filosofia. Ogundiran Wande, Sikuru King Sàlámì, sociólogos de etnia Yorubá, ambos sacerdotes da tradição Yorubá. Seguiu-se analisando mitos da criação do mundo e dos homens e dos Yorubás de onde vieram e qual origem do nome Yorubá.

O capítulo seguiu por mais dois tópicos onde são aprofundados dois aspectos: visão sobre mundo/universo à percepção do homem para os Yorubás e Espiritualidades e Dimensões na Filosofia Yorubá, em ambos nos dedicamos a analisar mitos Orins, aduras orikis e a presença dos deuses iorubanos como norteadores da filosofia/ visão de mundos e dimensões desse grupo que prática a filosofia da integralidade onde tudo está conectado seres vivos viventes matérias e espíritos. Ao final desses capítulos, entendeu-se que os Yorubás formam um dos maiores grupos étnicos africanos ao sul do deserto do Saara. Eles são um grupo formado por diversas comunidades unidos por uma língua, uma história, uma cultura e uma filosofia comuns. Na Nigéria, os Yorubás dominam a parte ocidental do país. A mitologia Yorubá sustenta que todos os Yorubás descendem de um herói chamado Oduduwa, e esse teria sido o fundador de Ilé Ifé a cidade ancestral dos Yorubás, e a tradição oral é a base principal desses grupos e a espiritualidades permeia toda sua existência.

Seguimos para o terceiro, e último capítulo, no qual discorremos sobre as representações do conceito de etnia Yorubá no Brasil, contudo, com maior ênfase em Goiás, para isso, partiu-se da premissa de documentos do século XIX - carta de liberdade, certidão de óbito e certidão de batismo, coletados nos arquivos da cidade de Goiás e de Goiânia; mais especificamente, no Arquivo Frei Simão Dorvi, na cidade de Goiás; no Arquivo do Museu da Bandeiras (MUBAN) e no Arquivo IPHBC da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Essa discussão também foi subsidiada pelas pesquisas arqueológicas e análises introdutórias da cultura material, coletadas na primeira fonte de água potável da Capitania dos Goyazes (Fonte da Carioca), em pesquisa coordenada pelas arqueólogas Margareth Lourdes de Souza e Cristiane Loriza Dantas, entre os anos de 2010 e 2012. Entretanto, para início de reflexão precisamos navegar pelos conceitos de representações historiográficas do negro no Brasil, para melhor explorar os documentos analisados e os discursos consolidados pela historiografia. Para tanto início com perspectiva de Rodrigo P. Sá Motta (1996) e suas reflexões sobre as limitações da Escola dos Annales que se ocupa basicamente voltada para vias econômica e social; porém, fugindo da ideia do político factual, “positivista” que outrora ficaram marcados nos estudos da “velha história política”. As vertentes apontadas pelo autor, renovação dos enfoques dentro dos objetos tradicionais da política como os movimentos sociais e organizações governamentais. Enquanto a segunda vertente se fixa na utilização de novos enfoques somados à exploração de novos objetos voltando-se para os conceitos de imaginário, cultura e simbologia. Nessa vertente, o uso não se dá no nível da ciência e da ação informada,

mas sim, no inconsciente das representações e dos valores, temas os quais Roger Chartier (1990), Peter Burke (1994), Dan Sperber (2001) e Ciro Flamarion Cardoso vão explorar. Esses autores basearam seus trabalhos a partir das representações quando isso não foi possível eles construíram suas teorias para que isso fosse possível, Chartier em “Uma Mudança de Perspectiva”, coloca a nova História Política em foco, possibilitando a emergência de conceitos que mudaram as possibilidades de análises de trabalhos literários.

Dessa maneira, buscamos nesta tese incorporar relatórios arqueológicos para falar da presença Yorubá em Goiás. Navegamos ainda pelas obras de Peter Burke em “A Fabricação do Rei”, Dan Sperber (2001), no seu viés metodológico, que traçou um estudo dialogando sobre os problemas e as perspectivas a partir deste conceito. Assim, adentramos também nas teorias de Moscovici (2000), para esse autor as representações sociais podem caracterizar-se pela correspondência com modelos de imagens, crenças e comportamentos simbólicos. Por outras palavras, uma série de proposições que permitem classificar coisas e pessoas, descrever as suas características, sentimentos e ações.

Para a pesquisa, o que ficou evidente foi que de acordo com um ponto de vista mais dinâmico, as representações sociais aparentam ser uma rede de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas, sendo, dessa forma, mais fluidas. Então, indagamos: se as representações se baseiam a modelos de imagens como analisar representações feitas em contextos de subordinação? Como no caso africanos e portugueses em terras brasileiras? Nos dedicamos a responder essas questões nas páginas seguintes, para tanto, a pesquisa se fez valer de metodologias já existentes como as citadas anteriormente no campo das representações historiográficas, aglutinando-as metodologias e análises documentais empregadas na arqueologia histórica que busca em um primeiro momento de análise documental comprovar a veracidade do documento, contextualizado no seu tempo histórico e ao final dialogar com conteúdo descrito refletindo sobre as intenções ali representadas sobre determinados grupos e situações.

Assim, dividimos o capítulo final em quatro tópicos. Neles, analisamos a metodologia de análise: um diálogo entre a arqueóloga e a Historiadora; as metodologias escolhidas de forma transdisciplinar dialogando com metodologias da história da arqueologia histórica da antropologia e filosofias, sempre no intuito de dialogar com as fontes documentais e materialidades. Em seguida, nos aprofundamos no Sentido epistemológico de nação e seus desdobramentos, apontando os autores e documentos históricos que utilizam o termo no

contexto escravocrata, termo utilizado, ora para falar de origem étnica, ora para falar de origem geográfica.

No tópico “De nação a Etnia Yorubá: Usos e apontamentos perceptíveis em documentos históricos e na historiografia do século XIX na Capitania dos Goyases”, territorializamos nossa pesquisa nas terras goianas, percorremos os conceitos e formação da Capitania de Goiás, seu contexto social e econômico, as estradas reais e o papel do africano no contexto, e formação da Capitania evidenciando a nação/etnia através dos documentos e dos memorialistas goianos. Depois, as contas de vidro Yorubá seus usos espirituais na diáspora, adentramos nas materialidades negras, discorremos sobre a metodologia utilizada na arqueologia histórica *in* África e na Brasil/Goiás, contextualizamos a Fonte da Carioca e sua importância histórica e social como espaço parada não apenas de tropeiros, mas como primeira fonte de abastecimento de água potável. A fonte de memórias e suas materialidades escavadas durante os projetos de sua restauração, em 2012, revelou um riqueza do período até então e a presença de cachimbos decorados com pitografias lidas como africanas e indígenas e contas de vidro supostamente lidas como Yorubá (devido à sua coloração e sedimentos presença de outros minérios no vidro) revelaram a presença laboral dos escravizados no abastecimento das casas dentre eles os de etnia Yorubá. Portanto, seguiu-se refletindo sobre as contas de vidro e sua ligação com a realidade Yorubá e as espiritualidades *in* África e as nascidas no Brasil como as diversas nações do candomblé, as reflexões seguiram com ênfase nas primeiras casas de candomblé da Bahia e o uso das contas de vidro suas cores e simbolismo percebidas como elementos aglutinadores de *asé* (força vital) e como ligação as divindades yorubanas e os orisás.

“Finalizamos” as reflexões e o texto com algumas colocações sobre nossa tese inicial, indagações que geraram no decorrer desta pesquisa outros desdobramentos e outros pesquisas. Um dos elementos apontados nesta pesquisa foi a importância das mulheres Yorubás na manutenção espiritual, assim, paralelamente a esta pesquisa me dediquei a pesquisar mulheres Yorubá e suas diásporas. Adentrei ao mundo das Yalorisás, dessa pesquisa, organizei e publiquei o dicionário biográfico histórias entrelaçadas de mulheres afro-diaspóricas, que está na sua segunda edição, mapeando a presença e protagonismos de mulheres Yorubás e de todas os outros grupos trazidos ao Brasil.

Em desdobramento a esta pesquisa, ainda na busca por mapeamento e compreensão da contribuição do Yorubá em Goiás, adentrei nas comunidades quilombolas no intuito de mapear a presença na língua falada sobre tudo em quilombos rurais publiquei dois artigos em periódicos

sobre o quilombeis e as filosofias africanas que o atravessam. Para além da língua, tenho mapeado com auxílio da arqueologia, as materialidades e as cosmocepções, bem como registrado quanto dos Yorubás estão presentes nos quilombos do Brasil. Ressalto esses desdobramentos para justificar as aspas que evidencio na palavra finalizamos, neste contexto, não existe final, mas um novo começo, assim como afirmou Negro Bispo (2022), as comunidades afropindorâmicas são o começo, o meio e o começo.

REFERÊNCIAS

ABIMBOLA, Kola. Spirituality and applied ethics: an African perspective. **West Africa Review**, vol. 3, nº 1, 2001.

ADEDIRAM, Biodun. Yoruba ethnic groups or a yoruba ethnic group? A review of the problem of ethnic identification. **África**, Revista do Centro de Estudos Africanos da USP, nº 7, p. 57-70, 1984.

ADEPEGBA, Cornelius O. The descent from Odudwa: claims of superiority among some Yoruba traditional rulers and the arts of ancient Ife. **The Internacional Journal of African Historical Studies**, vol. 19, nº 1, p. 77-92, 1986.

AGOSTINI, Camila. **Objetos da escravidão**: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. **Anais da Província de Goiás**. Goiânia: SUDECO, 1979.

ALMEIDA, Marcos Abreu Leitão: O historiador no “reino das palavras”: a língua como arquivo, a palavra como fonte. **Cad. Pesq. Cdhis**, Uberlândia, v. 25, n. 2, jul./dez. 2012.

AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (orgs.). **No Centro da Etnia**: etnias, tribalismo e Estado na África. Petrópolis: Vozes, 2017, 288p.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ARTIAGA, Zoroastro. **Contribuição para história de Goiaz**. Uberaba: Gráfica Triângulo, 1947.

ARTIAGA, Zoroastro. **História de Goiás**: relato de acontecimentos históricos goianos de 1592 a 1946 (tomo II). Goiânia: s.n, 1961.

ARTIAGA, Zoroastro. **História de Goiás**: síntese dos acontecimentos da política e da administração pública de Goiás, de 1592 a 1935 (tomo I). São Paulo: Revista dos Tribunais, 1959.

ARTIAGA, Zoroastro. **O divulgador do sertão goiano (1930-1970)**. Tese de Doutorado. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação Ensino e História de Ciências da Terra. Universidade Estadual de Campinas, 2010.

ASCHER, Edgar. **La pensée métisse**. Croyances africaines et rationalité occidentale en questions. Genebra: Presses Universitaires de France, 1990.

BARBER, Karin. How man makes god in West Africa: Yoruba attitude towards the orisa. *In*: R. R. Grinker & C. B. Steiner (orgs.). **Perspectives on Africa**: a reader in culture, history, and representation. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

BARNES, Sandra T. **Africa's Ogun**: Old world and new. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

BARTH, F. *Introducion*. *In*: (org.). **Los grupos étnicos y sus fronteras**. México: Fondo de Cultura Económica, p. 9-49, 1976.

- BASCOM, William. **Ifa Divination: Communication between gods and men**. Bloomington: Indiana University Press, 1969.
- BASCOM, William. **The Yoruba of Southwestern Nigeria**. Illinois: Waveland Press, 1984.
- BASTIDE, R. **As religiões africanas no Brasil**. 2 vols. São Paulo: Liv. Pioneira; EDUSP, 1971.
- BASTIDE, R. **Estudos Afro-Brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BASTIDE, R. **O candomblé da Bahia (Rito Nagô)**. Rio de Janeiro: Cia. Ed. Nacional/MEC, 1978.
- BENISTE, José. **Òrun Àiyé: O encontro de dois mundos, o sistema de relacionamento nagô-yoruba entre o céu e a terra**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.
- BERGSON, Henry. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERTAUX, Pierre. **Africa: desde la prehistoria hasta los estados actuales**. Mexico: Siglo Veintiuno, 1989.
- BERTRAN, Paulo. **Notícia geral da Capitania de Goiás em 1783**. 2. ed. Goiânia: ICBC, 2010.
- BERTRAN, Paulo; GALVÃO JÚNIOR, José Leme. **Evolução urbana da cidade de Goiás no período colonial**. Arquivemória II. Belo Horizonte, 1987. Mimeografado.
- BETHELL, Leslie. **A abolição do comércio brasileiro de escravos: A Grã-Bretanha, o Brasil e a questão do comércio de Escravos 1807-1869**. Coleção Biblioteca Básica Brasileira. Senado Federal: Brasília, 2002.
- BEZERRA, Marcia. Os Sentidos Contemporâneos das Coisas do Passado: Reflexões a partir da Amazônia. **Revista de Arqueologia Pública**, LAP/NEPAM/UNICAMP, n. 7, jul. 2013. Campinas, SP.
- BIOBAKU, Saburi. **The Egba and their neighbours: 1842-1872**. Oxford: Claredon Press, 1957.
- BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 109 p.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: **A Miséria do Mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 1997. p. 693-732.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A festa de Santo Preto**. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional do Folclore. Goiânia: Ed. da UFG, 1985.
- BRASIL, Americano do. **Danças populares, antigas e atuais dos sertões goianos**. Goiânia: Oriente, 1973.
- BRASIL, Americano Do. **Súmula de História de Goiás**. 2. ed. Goiânia: UNIGRAF, 1961.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Narrativa, Sentido, História**. São Paulo: Papirus, 1997.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.

CARVALHO, Patrícia Marinho de. **A travessia atlântica de árvores sagradas: estudos de paisagem e arqueologia em área de remanescente de quilombo em Vila Bela/MT**. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2012.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre a Negritude. In: C. Moore (org.). **Discurso sobre a Negritude (trilingue)**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. Coleção Diáspora Negra, vol. 3, p. 105-114.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

CHAUL, Nasr N. F. (Org.). **Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias**. Goiânia: Kelps, 1998.

CHAUL, Nasr N. F. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. 2. ed. Goiânia: Ed. da UFG, 2002.

CHRÉTIE, Jean-Pierre (org.). **L'invention religieuse en Afrique**. Paris: Éditions Karthala; A.C.C.T., 1993.

COMISSÃO DA VERDADE SOBRE A ESCRAVIDÃO NEGRA NO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO. **A Verdade sobre a Escravidão Negra no Distrito Federal e Entorno**. Sindicato dos Bancários de Brasília. Brasília: Sindicato dos Bancários de Brasília, 2017.

COSTA, Diogo Meneses. Arqueologia dos Africanos Escravos e Livres na Amazônia. **Vestígios**, Rev. Lat. de Arqueologia histórica, vol. 10, nº 1, jan-jun. 2016.

COURLANDER, Harold. **Tales of Yoruba gods and heroes**. Nova York: Crown Publishers, 1973.

CURADO, Ramir. **História, memória e identidade nos arraiais de Corumbá e Meia Ponte** – um estudo comparativo de núcleos urbanos (1730-1850). Goiânia. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em História das Sociedades Agrárias. Universidade Federal de Goiás, 1999.

CURADO, Sebastião Fleury. **Memórias Históricas**. Goiânia: s.e., 1956.

CURTIN, P. D. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral. In: CREMA, Roberto. **Introdução à Visão Holística: Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1989, p. 17.

DAVIDSON, Basil. **A descoberta do passado de África**. Lisboa: Sá da Costa, 1981.

DAVIDSON, Basil. **Africa: History of Continent**. England: Macmillan 1974.

DELBOS, Victor. **O espinosismo**. Curso proferido na Sorbonne em 1912-1913. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

DEPESTRE, René. **Bonjour et adieu à la Negritude**. Paris: Seghers, 1980.

DIFUILA, Manuel Maria. Historiografia da História de África. In: **Actas do colóquio Construção e Ensino da História de África**. Lisboa: Linopazas, p. 51-56. 1995.

DIOP, Cheikh. **L'Afrique Noire pre-coloniale**. Paris: Presence Africaine, 1987.

- DOPAMU, P. A. **The scientific basis of traditional medicine with particular reference to the yoruba of Nigeria** (Artigo inédito). Nigéria, 1989.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção “Os Pensadores”).
- ELBEIN DOS SANTOS, J. Esu Bara Laroye - a comparative study. **Institute of African Studies**, University of Ibadan, 1971.
- ELBEIN DOS SANTOS, J. **Os Nagô e a Morte: Pàdè, Àsèsè e o Culto de Égun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- ELLIS, A. E. **The yoruba-speaking peoples of the slave coast of áfrica**. London: Chapman, 1894.
- ELLIS, A.E. **The yoruba-speaking people of the slave coast of Africa**. Chicago: Benin Press, 1964.
- ELUNGU, P. E. A. Tradition africaine et rationalité moderne. Paris, L’Armattan. **Kaliope**, São Paulo, ano 1, nº 1, 2005.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno, cosmo e história**. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- ELIADE, Mircea. **The encyclopedia of religion**. New York: Macmillian Publishing Company, 1996-7.
- ENGMANN, Rachel Ama Asaa. Autoarchaeology at Christiansborg Castle (Ghana): Decolonizing knowledge, pedagogy, and practice. **Journal of Community Archaeology & Heritage**, 6:3, 204-219, 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- EHRET, Christopher. Linguistic as a tool for historians. In: B. A. Ogot (ed.). **Hadith**. Nairobi: East African Publishing House for Historical Society of Kenya, 1968.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Être Affecté. In: **Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie**, 8, p. 3-9, 1990.
- FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- FIOROTTI, Silas. Apelo para desconstruir etnias africanas e descolonizar a antropologia. **Kwanissa: Revista De Estudos Africanos E Afro-Brasileiros**, 3(6). Recuperado de <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/15222>
- FONSECA JUNIOR, Eduardo. **Dicionário Antológico da Cultura Afro-brasileira Português - Yorubá - Nagô - Angola - Gêge**. São Paulo: Maltese, 1995.
- FRAGOSO, Emanuel A. Da Rocha. (Org.). **Spinoza: cinco ensaios por Renan, Delbos, Chartier, Brunschvicg e Boutroux**. Londrina: EDUEL, 2004.

- FRIAS, R. R.; RIBEIRO, R. I. Religiões africanas e afrodiaspóricas e sua relação com a saúde. In: PEREIRA, Felipe Moraes Toledo *et al.* **Tratado de Espiritualidade e Saúde**. São Paulo: Atheneu, 2021.
- FROBENIUS, Leo. **A Gênese Africana**: Contos, Mitos e Lendas da África. Traduzida por Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- FROBENIUS, Leo. **Mythologie de l'Atlantide**. Paris: Payot, 1949.
- FUNARI, Pedro P. A arqueologia de Palmares. In: João Reis e Flávio Gomes (orgs.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, p. 26-51, 1996.
- GRANDES IMPÉRIOS E CIVILIZAÇÕES. **África, o despertar de um continente**. São Paulo: Edições Del Prado, 1997.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. 2. ed. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2012.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A. **La experiencia del otro**: una introducción a la etnoarqueología. Madrid: Akal, 2003.
- GOMES, Flávio S.; REIS, João J. **Liberdade por um fio**: História dos quilombos no Brasil. 3 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- HAIDER, Asad. **Armadilha da Identidade**: Raça e Classe nos dias de hoje. Tradução de Léo Vinicius Liberato. Prefácio de Silvio Almeida. São Paulo: Veneta, 2019. (Coleção Baderna).
- HALL, Stuart. **Raça**: o significante flutuante. Tradução de Liv Sovik. Z Cultural, UFRJ, ano VIII, v. 2, 2015. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%ef%80%aa/>. Acesso em: 03 abr. 2021.
- HAMPATE BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África**: Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática; [Paris: UNESCO, 1982]. p. 181-218.
- HARTEMANN, Gabby. Ló Gangan Ka Rélé So Pitit' Éléfan: Caminhos iniciais para construir uma Arqueologia Decolonial Afrocentrada em Mana, Guiana Francesa. In: **Anais do X Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as – X COPENE**, 2018.
- HOBBSBAWN, ERIC. **Invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOLANDA, A. B. **Novo Dicionário Aurélio**. 2. ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HORTA, José da Silva. Entre história europeia e história africana, um objecto de charneira: as representações”. In: **Actas do colóquio Construção e ensino da história da África**. Lisboa, Linopazes, p. 189-200, 1995.
- HOUART, J. **Anthropologie et Epistemologie** (Recherches pour une théorie et une méthodologie applicables aux études socio-anthropologique lui-même). Universidade de Coimbra. Instituto de Antropologia. Centro de Estudos Africanos, 1985.
- I CHING. **O Livro das Mutações**. Tradução de Richard Wilhelm. São Paulo, Ed. Pensamento, 1987.
- IDOWU, E. B. **Olódúmare**. God in Yoruba belief. Lo: Longmans of London, 1962.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JOHNSON, Samuel. **The history of the Yoruba from the earliest times to beginning of the british protectorate**. Cambridge: Routledge, 1921.

KAGAME, A. **A percepção empírica do tempo e concepção da história no pensamento bantu**. As Culturas e o Tempo. Petrópolis: Vozes/São Paulo, EDUSP, 1975.

KAGAME, A. **La philosophie bantu comparée**. Paris: Présence Africaine, 1976.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

KARASCH, Mary. Rainhas, Juízas: as negras nas Irmandades dos Pretos no Brasil Central (1772- 1860). In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio. **Mulheres Negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo, Selo Negro, 2012.

KI-ZERBO, J. (coord.). **História Geral da África**. Vol. I. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982.

KI-ZERBO, Joseph. As tarefas da história na África. In: **História Geral da África: metodologia e pré-História da África**. Vol. I. São Paulo, Ática, Paris, UNESCO, p. 09-45. 1982.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra**. Vol. I. Lisboa: Europa América, 1980.

LAW, Robin. "Dahomey and the slave trade: Reflections on the historiography of the rise of Dahomey". **The Journal of African History**, vol. 27, nº 2, p. 237-267. 1986.

LAW, Robin. How many times can History repeat itself? Some problems in the traditional history of Oyo. **The International Journal of African Historical Studies**, vol. 18, nº 1, p. 33-51. 1985.

LAW, Robin. The constitutional troubles of Oyo in the Eighteenth Century. **The Journal of African History**, vol. 12, nº 1, p. 25-44. 1971.

LAW, Robin. The heritage of Oduduwa: Traditional history and political propaganda among Yoruba. **The Journal of African History**, vol. 14, nº 2, p. 207-222. 1973.

LEITE, Clara D. **Tecendo a liberdade: alforrias em Goiás no século XIX**. (Dissertação de mestrado). Goiânia: 2000.

LEITE, Fabio. **A questão ancestral: África negra**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.

LEITE, Mafalda. **Oralidades e escritas pós-coloniais: estudos sobre Literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

LEVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: LEVI-STRAUSS, Claude. **Os Pensadores**. Vol. L. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

LIMA, Vivaldo Costa. O candomblé da Bahia na década de 1930. In: **Revista Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, 2004.

LOIOLA, Maria Lemke. **Trajetórias para a liberdade: escravos e libertos na Capitania de Goiás**. Goiânia: Ed. da UFG, 2009.

- LOIOLA, Maria Lemke. Uma preta escrava e muitos pardos livres – histórias sobre obediência escrava na capitania de Goiás. In: PAIVA, Eduardo F.; AMANTINO, Márcia; IVO, Isnara P. (Orgs.). **Escravidão, mestiçagens, ambientes, paisagens e espaços**. São Paulo: Annablume, 2011, 179-201.
- LONG, Charles H. Cosmogony. In: LINDSAY, Jones. **The Encyclopedia of Religion**. Drake: Macmillan, 1987.
- LOPES, Carlos. A pirâmide invertida – historiografia africana feita por africanos. In: **Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África**. Lisboa: Linopazes, 1994.
- LOPES, Carlos. A pirâmide invertida – historiografia africana feita por africanos. In: **Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África**. Lisboa: Linopazes, 1995.
- LOVEJOY, Paul E. **A escravidão na África: uma história de suas transformações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- M'BOKOLO, E. **África negra: história e civilizações**. Tomo II (do século XIX aos nossos dias). Salvador: EdUFBA / São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.
- M'BOKOLO, E. **África negra: história e civilizações**. Tomo I (até o século XVIII). Salvador: Edufba; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.
- M'BOKOLO, Elikia. **África negra, história e civilizações: até ao Século XVIII**. Lisboa, Vulgata, 2003.
- MACEDO, José Rivair. Antigas civilizações africanas: historiografia e evidências documentais. In: MACEDO, José Rivair. **Desvendando a história da África [online]**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, p. 13-27. ISBN 978-85-386-0383-2.
- MACHADO, Adilbênia F. Odus. Filosofia Africana para uma metodologia afrorreferenciada. **Voluntas**, Santa Maria, v. 10, p. 03- 25, set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39952>. Acesso em: 21 set. 2020.
- MANNING, Patrick. Escravidão e mudança social na África. **Novos Estudos Cebrap**, nº 21, jul. p. 8-29, 1988.
- MARINHO, T. A.; SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. Decolonialidade e Mulheres Negras em Goiás do afrocatolicismo aos feminismos de terreiros. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, v. 24, p. 23-52, 2022.
- MATORY, Lorand. Rival empires: Islam and the religions of spirit possession among the Oyo-Yoruba. **American Ethnologist**, vol. 21, nº 3, p. 495-515, 1994b.
- MATORY, Lorand. **Sex and the empire that is no more: gender and the politics of metaphor in Oyo Yoruba religion**. Minneapolis/Londres, University of Minnesota Press, 1994a.
- MAZZOLINI, Gilberto. **O planeta cultural: Para uma antropologia histórica**. São Paulo: EDUSP/Ítalo-Brasileiro, 1992.
- MBEMBE, Achille. As Formas Africanas de Auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**. Ano 23, n. 1, p. 172-209, 2001.
- MBITI, John S. **Introduction to African religion**. Londres: Heine-mann, 1977.
- MILLER, Joseph. Nzinga of Matamba in a new perspective. **Journal of African History**, vol. 16, nº 2, p. 201-216, 1975.

MIRANDA, Janira. Sodre. Permanências D'África no Catolicismo Goiano. In: **Revista Fragmentos de Cultura**. Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas. Goiânia, Brasil, v. 21, no. 2, p. 317–328, 2012. DOI: 10.18224/frag.v21i2.1890. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/1890>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MOORE, Carlos. Prefácio: Abdias do Nascimento e o surgimento de um pan-africanismo contemporâneo global. p. 17-32. In: **O Brasil na Mira do Pan-africanismo**. Salvador: EDUFBA: CEAO, 2002. 344 p.

MORAES- EWEJIMI, Iris Pereira de. **Arqueologia na “Flor da Terra” Quilombola: Ancestralidade e Movimentos Sankofa no Território dos Povos do Aproaga – Amazônia Paraense**. Tese. UFMG. 29 mar. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/LJjUqOVFKTw>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MORAES, Cristina de C. P. **Do corpo místico de Cristo: irmandades e confrarias na capitania de Goiás – 1736-1808**. Lisboa: UNL, 2005 (Tese de doutoramento). CD- Rom.

MORAES, Iris P. de. Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia. **Vestígios - Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica**, 12(2), 9–34. 2019. <https://doi.org/10.31239/vtg.v12i2.1>

MORRISON, Toni. **A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura**. Tradução Fernanda Abreu. Prefácio Ta-Nehisi Coates. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUDIMBE, V. Y. **A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Mangualde: Pedago; Luanda: Mulemba [1988], 2013.

MUDIMBE, V. Y. **The invention of Africa**. Bloomington: Indiana University Press, 1988.

MUDIMBE, Valentim. **The invention of Africa**. Bloomington: Indiana University Press, 1988.

MUNANGA, Kabengele. A identidade negra no contexto da globalização. In: **Ethnos Brasil**, Ano I – nº 1, mar. 2002, p.11-20. UNESP.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo: documentos de uma militância panafricanista**. 3. ed. rev. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NIANE, D. T. (org.). **História geral de África: África entre os séculos XII**. Tecnos: UNESCO, 1985.

NIANE, D. T. **La Charte de Kurukan Fuga: Aux Sources D'une Pensee Politique em Afrique**. Universite Gaston Berger de Saint-Louis. Leçon Inaugurale, 2009.

NIANE, D. T. **Sundjata ou a epopeia mandinga**. São Paulo: Ática, 1982.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma Ética **Afroperspectiva**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 3, n. 6, p. 147-150, fev. 2012a. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/358>. Acesso em: 28 jul. 2020.

NOVAES, Luciana de C. N. **O Exu Submerso: uma arqueologia da religião e da Diáspora no Brasil**. Curitiba: Appris, 2019.

OGUNDIRAN, Akinwumi; ALMEIDA, Marcos Leitão de; KLUSSMANN, Natalia Cordoniz. Os laços que nos unem: uma história arqueológica do cosmopolitismo africano/yorubá e suas implicações para a colaboração no Atlântico Sul. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 102–117, 2024. DOI: 10.24885/sab.v37i2.1196. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/1196>. Acesso em: 25 nov. 2024.

OGUNDIRAN, Akinwumi. Our Ancestors Were Material Scientists. **Archaeological and Geochemical Evidence for Indigenous Yoruba Glass Technology Journal of Black Studies I-22**. The Author 2015 DOI: 10.1177/002194715600964 SAGE. University of North Carolina at Charlotte USA. Tradução de Rosinalda Simoni, 2024.

OGUNDIRAN, Akinwumi. **The Yorubas: a new history**. Bloomington: Indian University Press, 2023.

OGUNDIRAN, Akinwumi; FALOLA, Toyin (ed.). **Archaeology of Atlantic Africa and the African Diaspora**. Bloomington: Indiana University Press, 2007.

OLANIYAN, R. **Nigerian history and culture**. Lo: Longman Group, 1985.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira- UFC**. 2005. 353f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2005.

OLIVEIRA, Eduardo David. Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-Brasileira. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Oliveira*, Paulo Cesar P. de. Contos e Crônicas do Mestre Tolomi: África viva no Brasil. Edição do autor. Ribeirão Preto, 2011. **Educação – RESAFE**. Número 18, maio-out, p. 28-47, 2012.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. Petrópolis: Vozes, 1978.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OYÈRÓNKÉ OYĚWÙMÍ. Conceitualizando gênero: a fundação eurocêntrica de conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: COSTA, Joaze Bernardino. TORRES, Nelson Maldonado (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 171-181.

OYÈRÓNKÉ OYĚWÙMÍ. **Matripotência: Ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [Iorubás]**. Tradução para uso didático de OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Matripotency: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood? Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016, capítulo 3, p. 57-92, por wanderson flor do nascimento. Disponível em: https://filosofia-fricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_matripot%C3%Aancia.pdf. Acesso em: 01 nov. 2022.

PALACÍN, L. **O século do ouro em Goiás**. 4. ed. Goiânia: UCG, 1994.

PALACÍN, L; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás**. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

- PALACÍN, L. **Goiás, 1722-1822**: estrutura e conjuntura numa capitania de minas. Edição do Departamento Estadual de Cultura de Goiás. Instituto Goiano do Livro. 1972. 182p.
- PALMIÉ, Stephan. Introduction. Out of Africa? **Journal of Religion in Africa**, n. 37, v. 2, p. 159-173, 2007.
- PALMIÉ, Stephan. **Wizards and Scientists**: Explorations in afro-cuban modernity and tradition. Durham: Duke University Press, 2002.
- PALMIÉ, Stephan. O trabalho cultural da globalização iorubá. *In*: **Religião e Sociedade**, v. 27, n. 1, 2007, p. 77-113.
- PARRINDER, Geoffrey. **Mythologies Africaines**. Paris: Odege Editions, 1969.
- PARRINDER, Geoffrey. **West African religion**. Londres: Oxford University Press, 1949.
- PAULA JUNIOR, Antonio Filogenio de. Filosofia da oralidade: contribuições da tradição oral para filosofia africana e afrodiaspórica. **Revista Ítaca**, n. 36 – Especial Filosofia Africana. ISSN 1679-6799.
- PEREIRA, D., SANTOS, D.; CARVALHO, M. DE. **Fronteiras do Mundo**. Coleção Geografia: Ciência do espaço. São Paulo: Atual, 1993.
- PERSON, Yves. Pour une histoire des religions africaines. *In*: J. P. Chrétie (org.). **L'invention religieuse en Afrique**. Paris: Éditions Karthala/A.C.C.T., p. 13-27, 1993.
- PESSOA, Mônica. Coisas Antigas Continuam no Ouvido: a tradição oral africana como fonte histórica. **Revista Faces Da História**, Assis-SP, v. 6, n. 1, p. 62-85, jan.-jun., 2019.
- PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia**: estudo de contacto racial. Vol. 241. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- PIERSON, Donald. **Negroes In Brazil**: A Study of Race Contact at Bahia. Chicago: The University of Chicago Press. 392. p. 1942.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos de liberdade**: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista. Campinas: Editora da UNICAMP, 2018. 376 p.
- PINTO, Joana Plaza. Modernidade e diferença colonial nos discursos hegemônicos sobre língua no Brasil. *In*: **Muitas Vozes**, v. 1, p. 171-180, 2012.
- POHL, Johan. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.
- POHL, Johan. **Viagem no interior do Brasil**. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- RAMOS, Mogobe. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. Trad. Dirce Eleonora Nigro Solis; Rafael Medina Lopes; Roberta Ribeiro Cassiano. *In*: **Ensaios Filosóficos**, Volume IV, out. 2011. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.
- RANGER, T. O. A invenção da tradição na África colonial. *In*: HOBBSBAWM, E; RANGER, T. O. (orgs.). **A invenção das tradições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 [1983].

RAY, Benjamin C. **African religions: symbol, ritual, and community**. New Jersey: Prentice-Hall, 2000.

REIS, João José. Notas sobre a escravidão na África pré colonial. **Estudos Afro-Asiáticos**, 14, 1987, p. 5-21.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Alma Africana no Brasil**. Os Iorubás. São Paulo: Oduduwa, 1996.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Diálogo da Psicologia com o Saber Tradicional Africano no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo e sua continuidade em outros Coletivos**. Universidade Paulista, Relatório Final de Pesquisa, 2018. Pesquisa financiada pela UNIP.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. Religiões Brasileiras Afrodiaspóricas e Diálogo Inter-religioso. In: BIZÓN, Cónego José; SCHLESINGER, Rabino Michel. **Diálogo Inter-religioso**. Religiões a caminho da Paz. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 63-80.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi; SÀLÁMÌ (King), Síkírù. *Omoluwabi, Alakoso*, teu caráter proferirá sentença a teu favor! Valores pessoais e felicidade na sociedade iorubá. In: ANGERAMI, W. A. (Org). **Psicologia e Religião**. São Paulo: Artesã, 2008.

RIBEIRO, Ronilda. **Alma Africana, os Iorubás**. São Paulo: Oduduwa, 1996.

RIZK, Hadi. **Compreender Spinoza**. Petrópolis: Vozes, 2006.

RUFINO, Luiz; FERNANDES, A.; MACHADO, A. Pensar e escrever negro: um ebó de lestras. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online)**, v. 226, p. 1-3, 2021.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. 2017 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

RYDER, Allan Frederick. A reconsideration of the Ife-Benin relation-ship. **The Journal of African History**, vol. 6, nº 1, p. 25-37. 1965.

RYDER, Allan Frederick. Do rio Volta aos Camarões. In: D. T. Niane (org.). **História general de Africa: Africa entre los siglos XII e XVI**. UNESCO, vol. IV, pp. 353-384. 1985.

SACHNINE, Michka. **Dictionnaire usuel yorùbá-français suivi d'un index français-yorùbá**. Paris: Karthala - IFRA, 1997.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à Província de Goiás**. Tradução de Regina R. Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975a.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás**. São Paulo: EDUSP, 1975b.

SÀLÁMÌ, Síkírù (King); Ribeiro, Ronilda Iyakemi. **Exu e a Ordem do Universo**. 2. ed. São Paulo: Oduduwa, 2015.

SALLES, Gilka V. F. de. **Economia e escravidão na Capitania de Goiás**. Goiânia: Ed. da UFG, 1992.

SANKOFA. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, Ano VI, Nº XII, dez./2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino e na Pesquisa (INCTI), 2015, p. 150. Disponível em: <http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-ColonizacaoQuilombos.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

SANTOS, Eudaldo F.; ALVES, Janaina Batista. **A construção e difusão do conhecimento por meio de contos africanos**: a tradição oral sobre a cosmologia iorubá. s.l.: s.e, 2017.

SANTOS, Juana Elbin dos. **Os Nàgô e a morte**: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia. Trad. UFBA. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SANTOS, M. F. dos. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. 3. ed. São Paulo: Matese, 1965.

SANTOS, M. F. dos. **Filosofia e Cosmovisão** (Introdução à Filosofia e Visão Geral de Mundo). 2. ed. São Paulo: Logos, 1955, p. 123.

SANTOS, Maria Estella A. **Meu tempo é agora**. 2. ed. São Paulo: Oduduwa, 1996.

SCKELL, Soraya Nour. **Cosmogonia Estudo de Mitologia Comparada ensaio realizado no âmbito do projecto sobre cosmologia**, dirigido pela (Fundação Humboldt/CFUL). Fred Hoyle. "A New Model for the Expanding Universe". Monthly Notices of the Royal Astronomical Society, 108, 1948.

SERRA, Ordep. **Águas do Rei**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Alberto da Costa. **A enxada e a lança**. A África antes dos portugueses. São Paulo: Nova Fronteira/EDUSP, 1996.

SILVA, Alberto da Costa. **A manilha e libambo**. A África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

SILVA, Alberto da Costa. **Francisco Félix de Souza, o mercador de escravos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/EdUERJ, 2004.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. Ancestralidade feminina: da essência do sagrado aos movimentos feministas, mulheres negras e representatividade. **Fragmentos de Cultura** (goiânia), v. 29, p. 293-300, 2019.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. Educação, diversidade e respeito à identidade cultural. **Odeere**, v. 6, p. 163-182, 2021.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. Education and africanities: for the right to history and afro-descendant memory **TEXTURA - Revista de Educação e Letras**, Volume 26, n. 65 2024. Universidade de Santa Maria - RGS.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. Fé, devoção e tradição rosarina nos festejos de congada: entre as águas de oxúm e as faces da virgem do rosário. **Revista Cordis** - revista eletrônica de história social da cidade, v. 1, p. 160-185, 2021.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. História, Usos, Crenças e Valores místicos do Café dentro das tradições Afro-diaspóricas/ Umbanda. **Caminhos** (Goiânia. *online*), v. 21, p. 46-58, 2023.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. Os quilombos na diáspora e o papel da arqueologia: lutas históricas e desafios, uma escrita na primeira pessoa. **Revista de Arqueologia**, Volume 37, n. 2, maio – ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v37i2.1150>.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva; SOUZA, R. M. Não é sobre elas, é sobre nós: eugênia annados santos (obá biyí) e o matriarcado ancestral negro africano. **Mosaico** (Goiânia), v. 16, p. 43-56, 2023.

SMITH, Robert (1965). The Alafin in exile: a study of the Ighoho period in Oyo history. **The Journal of African History**, vol. 6, nº 1, p. 57-77.

SMITH, Robert. **Kingdoms of the Yoruba**. Londres: Methuen, 1969.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev.psicol. polít.**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 dez. 2021.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SOMÉ, Sobonfu. **Espírito da Intimidade**: ensinamentos africanos sobre maneiras de relacionar. São Paulo: Odyseus, 2007.

SPIEGEL, Gabrielle M. (org.). **Practicing History**: New Directions in Historical Writing after the Linguistic Turn. New edition, Routledge, 2005.

SUTTON, J. E. Archaeology in West Africa: A review of recent work and a further list of radiocarbon dates. **The Journal of African History**, vol. 23, nº 3, p. 291-313, 1982.

TAVARES, Roberta C. **Escravidão Negra na Região do Rio Bujaru**: Senhores e escravos na segunda metade do século XIX (1869-1882). Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / Faculdade de História. Belém: Universidade Federal do Pará, 2016.

THORTON, John. **A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico -1400-1800**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 7, p. 139-166.

VERGER, Pierre. **Lendas africanas dos Orixás**. Salvador: Corrupio, 1997a.

VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos Orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África**. São Paulo: EDUSP, 1999.

VERGER, Pierre. **Orixás**: Deuses iorubás na África e no Novo Mundo. São Paulo: Corrupio, 1997b.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac Nayfi, 2010.

WHITE, Hayden. **Metahistory**: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1975.

WOLF, Eric. O tráfico de escravos. In: WOLF, Eric. **A Europa e os povos sem história**. São Paulo: EDUSP, 2005.

WOORTMANN, Klaas. Cosmologia e Geomancia: um estudo da cultura Yoruba-Nagô. **Anuário Antropológico 77**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.